

A ABELHA.

SEMANARIO SCIENTIFICO, INDUSTRIAL E LITTERARIO.

N. 3.

Sabbado 26 de janeiro de 1856.

1.º Anno.

Breves considerações sobre a agiotagem.

O progresso da sociedade no seu todo e dependo do augmento da sua producção, e de suas riquezas.

Para produzir é necessario combinar e pôr em jogo os tres instrumentos, terra, trabalho e capital; não sendo este outra coisa mais do que o trabalho economisado e destinado á reproducção. — A actividade pensante que concebe os diferentes processos de servir-se d'estes instrumentos, que os combina por varios modos, que calcula as probabilidades do resultado, segundo os dados da experiencia, é o que chamamos especulação productiva.

Ella penetra o amago da terra para extrahir os metaes precisos ás artes, ás sciencias e industrias; atravessa os oceanos para permutar o algodão com o linho, o café com o summo da parra, o jacarandá e páu brazil com artefactos de varias especies, etc.; segura a propriedade contra os riscos do fogo, e do mar, e contra todas as eventualidades possiveis de prever-se e calcular-se. Satisfaz mil necessidades existentes, promove o apparecimento de outras novas, dissemina os capitaes, anima a economia, offerecendo, em compensação das privações que importa, vantagens extraordinarias; emfim pelos seus resultados augmenta a riqueza, e moralisa a sociedade — isto é — preenche os dous grandes fins da perfectibilidade humana.

Esta poderosa alavanca do desenvolvimento industrial tem sido mal comprehendida por muitos. Tem-se denominado — especulação — toda a casta de agiotagem; tem-se confundido o uso de uma grande faculdade com o seu abuso.

Olhando sómente para o lucro do momento, isto é, — o agio, — ninguem se importa com o resultado da especulação, isto é, com a producção.

As industrias levantão-se a pedir capitaes que as alimentem; inscrevem-se os tomadores de acções, formão-se empenhos as mais das

vezes superiores ás forças dos que os tomão, confiados no futuro, a quem deixão o cuidado de prover ás necessidades que crearão; em vez de lançarem mão do trabalho, perseverança e economia, contão só com o azar que lhes ha de facilitar a passagem desses empenhos a outrem, deixando grossos lucros. — Não esperão da industria um lucro legitimo, o que resulta da sua força de producção — procurão um lucro illegitimo e reprovado, o que provém do jogo.

A consequencia é verem-se os capitaes desviados de seus legitimos canaes, o trabalho descoroçoado, os principios de economia desprezados, e desenvolvido o desejo immoderado de riquezas; embora a fortuna de um seja sempre a vespera da desgraça de outrem.

A praça enche-se de agiotas á espreita da preza para empolgarem-na, dilacerarem-na, e banquetear-se emfim com os despojos da pobre victima, que, tardiamente reconhecendo seu erro, chora sobre as ruinas do seu futuro, que suppunha garantido pelo azar.

Ora, quando os adiantamentos sobre o futuro crescem de vulto todos os dias; quando a solução dos empenhos do presente depende da producção das industrias, que occasionarão esses empenhos, a continuação de um tal estado é verdadeiramente desastroso.

Toma-se por progresso uma excitação nervosa, que debilita as forças productivas, e acarreta uma prostração e torpor que se assemelha aos effeitos irritantes do alcool. E' mister desenganarem-se de que os capitaes não produzem no jogo; ha sempre uma perda real todas as vezes que senão dá um equivalente por um valor qualquer; e a sociedade com todas as gallas de luxo aninha em seu seio um cancro que lle corroe as entranhas; assemelha-se a um montão de ruinas coberto de festões de flores.

Esta miseria nasce da immoralidade do desejo de enriquecer sem trabalho, sem economia, sem perseverança. — O remedio é moralisar os individuos, estigmatizando taes transacções,

fechando a porta que leva os incautos á perdição, e punindo severamente os infractores da lei, quando se desviarem uma só linha da esphera permittida á sua acção.

Moralisa-se com o exemplo e com a lei.

Se todos os negociantes de respeito que prezão sua reputação repellirem a agiotagem; se os correctores de fundos, melhor conhecendo seus interesses, se não prestarem a auxiliar transacções reprovadas, a praça se moralizará pelo exemplo dos varões conspicuos; e a agiotagem, cahindo em esphera mui baixa, não affectará de modo sensível a riqueza do paiz.

A lei já disse alguma cousa a tal respeito. O legislador brasileiro não podia, á vista da reprobção geral nos codigos das nações cultas, e dos principios da sciencia, introduzir no código mercantil disposição tão perniciosa.

O Reg. dos correctores no art. 26, evidenciou á toda a luz esta verdade, impondo penas aos correctores que auxiliassem transacções simuladas de fundos publicos, acções de companhias etc.; sendo taes as que não se basearem em titulos pertencentes verdadeiramente ao vendedor no acto do contracto.

Os agiotas pretendem encher a contradicção entre este art. e o código commercial, que em diversos lugares permite os contractos de natureza aleatoria — como sejam — os contractos de seguros, os de cambio marítimo, a venda de lucros incertos, etc.

Os contractos aleatorios permittidos pelo código offerecem, a uma das partes ou a ambas, eventualidades de perda ou beneficio dependentes de um acontecimento incerto, e não previsto.

A agiotagem, que todos os codigos repellem, é um mercado em que não ha venda real de objecto algum, em que ha unicamente a analisar a differença entre o preço da cousa no dia da venda e no da entrega. —

A differença é patente: n'aquelles ha uma operação mercantil ou de venda, ou de mutuo, ou de qualquer outra natureza; na agiotagem não ha operação de commercio; — a aposta, — o jogo, não podião fazer parte das disposições de um código que tem de reger a sociedade.

Julgamos porém que a lei não tem dito tudo: os desvios ultimamente occorridos reclamão mais algumas medidas tendentes a garantir o commercio legitimo e honesto.

A classe dos auxiliares do commercio, tão importante em uma Praça de avultadas transacções, não está cercada de garantias assaz

valentes, para que o commercio descance perfeitamente sobre ella.

As condições de aptidão, exigidas até hoje para o exercicio de tal cargo não estão a par de sua importancia, nem da fé que a lei dá a seus actos.

O corrector para ser versado na especialidade do negocio que vão servir, deve ter uma pratica attestada por actos mercantis, de data nunca menor de cinco annos, e não por simples certificado de um negociante que quasi sempre o concede por comprazer.

A sua nomeação, comprovada a capacidade intellectual e moral, deve emanar do Poder Imperial, sobre proposta do Tribunal do Commercio, como é uzado em França.

A interferencia do Poder Supremo do Estado na escolha destes agentes, que vão exercer funcções tão altas no commercio, traria mais sindicancia e vigilancia. Os candidatos apresentados pelo Tribunal do Commercio receberião daquelle Poder uma força moral que obrigaría o respeito e confiança plena da sociedade.

Além disto — o corrector pôde ser intelligente, e probo, e no entanto prestar-se involuntariamente a uma operação de agiotagem: por isso quizeramos que as vendas de apolices, acções de Companhias, metaes, e lucros incertos fossem feitos unicamente á vista de um certificado, pelo qual se provasse o deposito dos objectos ou dos titulos em poder de um tabelião, escrivão do commercio, ou mesmo de um banqueiro de confiança; de modo que, nem o corrector possa ser illudido, agenciando uma venda ficticia e reprovada, nem o comprador de boa fé veja seus direitos á mercê de um vendedor de má fé, que pôde negar a obrigação pela carencia do objecto.

D'este modo o legislador não prohibiria as transacções sobre effeitos publicos, ou de companhias, aliás mui licitos a entregar em certo e determinado prazo, por um preço fixo; mas em grande parte evitaria a agiotagem que, como dissemos, consiste em vender o que se não possui, recebendo-se a differença entre dous preços sem objecto, á disposição do comprador ou vendedor sobre quem recair esse preço.

Se a adopção e execução d'estas medidas, não trouxerem em resultado a extinção da agiotagem, ao menos modificarião o seu vóo: a execução rigorosa da lei moralisaria; a sua reprobção traria a odiosidade e reprobção da opinião publica.

O cidadão conceituado na classe mercantil

não ousaria correr os perigos de violar a lei, e incorrer na sua punição.

O corrector por sua parte ameaçado de perder uma carreira honrosa e lucrativa, quando limitada ás verdadeiras transacções mercantis, não prestaria seu consentimento directa ou indirectamente para o maldito jogo, que desola as familias, arruina o commercio, e atraza a reproducção dos capitaes.

Abundancia do ouro.

Apresentando aqui abaixo a opinião do Sr. Moreau de Jonnés, sobre a grande questão da superabundancia do ouro na circulação monetaria, com as reflexões a respeito feitas na revista da Academia das sciencias moraes e politicas, que costuma dar o *Jornal dos Economistas*, temos a reflectir que, a ser verdadeira a opinião do Sr. de Jonnés, como nos parece, nada tem a receiar o Brasil com o augmento da producção aurifera; 1.º porque este metal é preciso para expellir da circulação monetaria o papel moeda; 2.º porque sendo um paiz, novo e vigoroso e tocado pelo impulso de um progresso, cujo alcance escapa á previsão humana, a sua producção e crescimento de população exigindo maior circulação monetaria contrabalaçarão qualquer superabundancia que possa affluir ao nosso mercado.

«A communicação do Sr. Moreau de Jonnés é recommendavel por uma precisão e força de dialectica taes, que não dissimulão nem os argumentos invocados pelos partidarios da opinião contraria opposta á do autor, nem as respostas que o sabio academico lhes oppoem.

Os principaes effeitos da superabundancia do ouro devem ser, na opinião de muitos economistas, á frente dos quaes convem mencionar o Sr. Miguel Chevalier, os seguintes:

1.º Abaixar o valor nominal deste metal precioso, e depreciar a moeda.

2.º Mudar a sua relação com a prata, e dar a esta um valor exagerado.

3.º Fazer perturbações muito funestas ás convenções civis, e a todas as transacções publicas:

4.º Permittir principalmente o pagamento dos contractos, dos mercados e dos impostos com valores depreciados, e por consequencia subverter a ordem actual da sociedade.

«A desmonetisação do ouro é, como todos sabem, o remedio reclamado para prevenir estas desgraças. O Sr. Moreau de Jonnés a regeita, como devendo produzir effeitos mui

diversamente desastrosos. Na sua opinião estes effeitos serião:

1.º Reduzir immediatamente o ouro ao estado de mercadoria venal.

2.º Tirar-lhe o seu titulo de valor official garantido pela fé publica.

3.º Sujeital-o, como as producções de troca do commercio, a todas as variações de preço, que resultão da demanda.

4.º Expôr d'este modo o seu valor a altas e baixas semelhantes as da Praça, e que se darião conforme os tempos e localidades, e segundo as necessidades reaes ou ficticias.

5.º Abandonal-o consequentemente a todas as especulações da agiotagem, que aproveitaria esta mudança para lucrar com a credulidade, e inquietação populares.

6.º Fornecer a este jogo funesto uma somma de riquezas maior que qualquer outra até hoje explorada pelos agiotas, desde o tempo dos assignados.

7.º Expôr a alterações criminosas a moeda mais perfeita da Europa, aquella que torna completamente seguras, faceis e rapidas todas as transacções da vida social e domestica.

8.º Emfim provocar as desordens, os erros e os enganões, que provêm das moedas nos paizes, onde o ouro em circulação sendo um objecto de trafico, se compõe de peças amesquinhadadas e defraudadas, que é preciso posar e verificar em toda as occasiões, com grave detrimento do publico.

«O Sr. Moreau de Jonnés conclue d'estas diferentes considerações, que a desmonetisação do ouro, em vez de ser um soccorro gratuito contra a sua superabundancia, levaria tanta perturbação á organização social, quanta é a que pretende sanar, e que a um excellente systema monetario se substituiria um máo.

«De mais, o Sr. Moreau de Jonnés crê que se tem exagerado a exuberancia do ouro; e que de um facto incontestavel, qual a abundancia de producção das minas novamente exploradas na California e Austrália, sem razão se tem concluido a demasiada producção d'estas minas.—Ainda mais, as minas não tem o privilegio da perpetuidade: ellas estão, como todas as cousas humanas, sujeitas ás eventualidades de desenvolvimento e decadencia. Onde estão as minas da Gallia e Hespanhá? as de S. Domingos, do Mexico, e do Perú, e mais moderadamente as do Oural?—

«Ora, não é sómente a quantidade absoluta do ouro, que determina a sua superabundancia

cia, mas antes a sua quantidade relativa ao numerario, ao valor total de sua producção agricola e industrial, e ao movimento do commercio exterior de um paiz.

« Neste ponto de vista de extrema importancia a communicação do Sr. de Jonnés ministra uteis documentos.

« Segundo Necker, o numerario no reinado de Luiz XVI em França subia a 2 milhares pouco mais ou menos, 2,200:000:000 de francos, isto é a 92 francos por cada habitante.

« Na mesma época havia, segundo Tolo-san, dous milhares de productos agricolas, 1,972:000:000 francos e menos de um milhar de productos da industria, 931 milhões; ao todo 3 milhares no maximo, 2,903.000:000 francos.

« Hoje a producção agricola de França é de 8,500:000:000 francos, comprehendendo-se os animaes domesticos; a industrial de 4 milhares: total 12 milhares de francos. O numerario de França, que orçava em 1836 em 3 milhares, é provavelmente hoje de 4 milhares quando muito. — O augmento foi de 33 por cento; mas a população tendo crescido deve-se contar 112 francos para cada pessoa.

« O valor absoluto da producção agricola e industrial tem quadruplicado, e dividindo a pelos habitantes, dá quasi 350 francos para cada um em vez de 121, como antes de 1789. Seria necessario por tanto, para corresponder a este augmento, que o numerario em circulação actualmente fosse perto de 8 milhares afim de guardar a proporção com a producção, e equivaler á riqueza metalica da antiga monarchia: deveria elevar-se de 112 francos a 350 por pessoa. Por ahi se vê que a quantidade de nosso numerario não seguiu os progressos da producção, e que os signaes representativos da nossa riqueza igualão sómente o terço de nossa producção annual. Em sua relação com a producção agricola a França antiga possuia metade mais de numerario; ella tinha 67 por cento em vez de 33. Entre as causas que, em metade de um seculo, tem feitos sahir de França por vezes repetidas sommas importantes de ouro e prata, o Sr. de Jonnés particularisa a emigração, os assignados, o resgate de 1815, quatro fomes em 33 annos, e os thesouros enterrados durante as guerras da Vendée e as invasões estrangeiras.

« Conclue de todos os factos que, precedem que ha actualmente em França um vasto lugar na circulação monetaria para receber emis-

sões novas de numerario, e satisfazer ás permutações agricolas, industriaes e commerciaes. E' assim que muitos milhares podem ser absorvidos sem risco de superabundancia, e é de esperar, á vista do desenvolvimento da prosperidade publica, que o augmento das riquezas, resultando do crescimento da população, contrabalançará o augmento dos metaes preciosos.

Historia da reforma commercial de Inglaterra por Henry Richelot.

Continuação do numero antecedente.

A exportação foi declarada livre, a importação prohibida enquanto o trigo não attingisse ao preço de 34 a 40 francos o hectolitro, preço considerado como remuneração necessaria ao productor inglez; preço porque se paga em França, depois de tres annos de insufficientes colheitas; preço duplo do considerado como remunerador pelos cultivadores francezes. Portanto a primeira medida economica do governo inglez, depois da pacificação universal foi a protecção a mais energica dada á mais importante das industrias nacionaes de então.

Os homens de maior peso do Reino-Unido, aquelles que depois forão os ardentes promotores da reforma commercial, approvãõ ou votãõ por essa lei de privilegio. Malthus mesmo na discussão pronunciou-se pela prohibição.

E' porque em Inglaterra o legislador não se deira levar de theorias, os homens de Estado não são nem proteccionistas, nem partidarios da liberdade commercial: fiéis ao espirito de sua admiravel constituição, elles tomãõ ao serio a soberania nacional, consultão a opinião publica, estudão as necessidades de toda a especie, á que tem de satisfazer, e encaminhão-se com toda a prudencia aos seus intentos sem nunca terem a louca pretensão de voltar atraz, ou de parar protestando contra irregularidades mais ou menos reaes. Ora, a nação Britanica não estava ainda resolvida a sacrificar a agricultura para assegurar o triumpho da industria manufactureira; e apenas havia um unico meio de proteger a primeira contra a concorrência estrangeira, que era a prohibição.

Os fabricantes inglezes, que sós desde 1793 mandavão seus productos para além dos ma-

res, e tinham tido o monopólio dos mercados transatlânticos e de uma parte da Europa, acháram-se, por ocasião da paz, gravados de impostos de consumo, que encareciam excessivamente a mão d'obra; e virão seus mercados habituaes mais ou menos invadidos por industrias rivaes.

O bloqueio continental tinha com effeito creado ou desenvolvido fabricas, que forão por muito tempo o apanagio exclusivo da Inglaterra. Quando a actividade commercial foi substituida ás preocupações guerreiras, todas as nações procuráram proteger suas manufacturas nascentes por medidas prohibitivas, e abrir-lhes os mercados interdichos havia vinte annos. Os artifices dos tres reinos soffrendo a carestia de todos os objectos vião suas obras aniquiladas por essa concorrência. A miseria era horrivel: a agitação por ella provocada nas classes inferiores tinha tomado proporções espantosas: foi mister cuidar seriamente nos meios de oppôr um paradeiro á crise industrial. O remedio era evidente; consistia elle em collocar as manufacturas inglezas em condições economicas mais iguaes com as do continente, exforçando-se para que o fabrico fosse mais barato. Era preciso, além disso, abrir-lhes uma parte dos mercados fechados por prohibições, que erão as justas represalias das que fechavão as possessões Britannicas á quasi totalidade das mercadorias estrangeiras. Não havia que hesitar: ou se devia modificar o systema das alfandegas e impostos de consumo, ou perecer pelo isolamento e concorrência.

Tal foi o ponto de partida, que se operou na legislação financeira e commercial da Inglaterra. Sob a influencia d'uma mesma causa, a necessidade de reduzir as despesas da produção, começou-se por reduzir os direitos de cizas. Não sendo sufficiente ainda isso, desagravou-se as materias primas d'uma parte das taxas de entrada; depois consentiu-se em acceitar a respeito de certas industrias, uma concorrência que as inquirições mais minuciosas demonstravão sem perigo real.

Emfim, convencidos de que não era possível ser ao mesmo tempo potencia agricola, e manufactureira, decidiram-se a fazer o sacrificio da cultura dos cereaes, acceitando o triste recurso de esperar do estrangeiro a subsistencia da população dos artifices, sempre crescente, sempre muito exigente nos seus habitos de bem estar, sempre muito desproporcionada com a super-

ficie do solo cultivavel, e com a produção alimenticia.

Vamos indicar as diversas phases d'esta transformação. Segundo Richelot, a reforma commercial apresenta tres periodos distinctos. O primeiro, que se estende de 1822 a 1830; o segundo, comprehendido entre 1830 e 1841; o terceiro enfim, iniciado em 1842 e que, pelo atrevimento das medidas adoptadas, é mais particularmente designado por epoca da reforma, e ao qual se ligão os nomes de Robert Peel, de Cobden, e lord Russell.

Como dissemos, a reforma financeira havia precedido ás modificações do systema commercial. Desde 1819 com effeito, a taxa sobre a renda tinha sido abolida, o direito de ciza sobre a cerveja muito reduzido; e quando em 1823 Huskisson, em quem se personifica o primeiro periodo, entrou no ministerio, o governo, tomando ao serio aliviar em tempo de paz os impostos, estabelecidos, ou augmentados durante a guerra, tinha successivamente supprimido 430 milhões de impostos, nos quaes os direitos da alfandega erão representados por uma dezena de milhões.

Desde 1822 o acto da navegação, essa grande carta maritima, olhada pelos inglezes como o principio de sua grandeza naval, soffreu importantes modificações. Já anteriormente um tratado de reciprocidade concedia apenas vantagens illusorias aos portuguezes, emquanto que as reacções erão todas em favor dos inglezes.

Por occasião da paz com a America, a ameaça de direitos differenciaes feita pelos Estados- Unidos, productores de materias primas indispensaveis á Inglaterra, fez conceder ao seu pavilhão as mesmas vantagens. Successivamente os embaraços que recchião sobre os transportes para a Gran-Bretanha ou suas colonias, feitos por navios estrangeiros, forão em grande parte removidos, afim de obter a suppressão das taxas addicionaes estabelecidas sobre os navios inglezes por diversos governos. De duas cousas uma, dizia Huskisson, apresentando o bill que fazia cessar uma parte dos privilegios, a cujo abrigo havia engrandecido a marinha nacional; ou temos de travar uma guerra commercial, ou de adoptar a reciprocidade. Um outro motivo, confessado, foi o de fazer participar as nações do norte nas vantagens que se não havia podido recusar aos Americanos, afim de apresentar a estes ultimos uma concurren-

cia, que os impedisse de monopolisar certos transportes.

Tudo isso era interesse bem entendido, mas não era certamente theoria da livre permuta.

(*Continúa.*)

Exposição Universal em Vienna.

Falla-se de uma Exposição Universal em Vienna para 1859. Diz-se até que os planos do architecto escolhido, Luiz Forster, professor na academia de Bellas-Artes de Vienna, constructor do grande arsenal da mesma cidade, e ultimamente commissario á Exposição Universal de Paris forão já approvados pelo imperador Francisco José.

Algodão.

Morreo ha pouco o doutor Irving que se havia dedicado ao melhoramento dos africanos. O navio que levou a noticia da sua morte levou tambem amostras de seis variedades de algodão do paiz d'Yoruba, na Costa occidental d'Africa, onde a cultura d'essa planta é mui geral, e serve para vestir seos dous ou tres milhões de habitantes.

Entre essas variedades, conhecidas por diversos nomes, nota-se um algodão, proveniente de uma planta excessivamente graciosa e propria para ornato, branco, muito bello e cultivado em pequena quantidade para o fabrico dos mais bellos objectos dos chefes; dous outros tambem muito alvos e bellos, e um escuro ou amarello.

Pescã da baleia por meio da electricidade.

O jornal inglez, New Bedford Mercury, menciona um methodo de pesca, que á primeira vista parece de mui grande difficuldade pratica.

Tivemos occasião, diz elle, de assistir a muitas experiencias interessantes, debaixo da direcção do Sr. Himeken, negociante de Bremen, sobre os meios de applicar a electricidade á pesca da baleia. O processo, cuja idéa originaria pertence ao doutor Somesburg, professor de historia natural n'aquella cidade, pôde resumir-se em termos muito simples.

Assenta-se n'uma barca uma muito poderosa bateria electro-galvanica, que se põe em

communição com a baleia, mediante um fio metalico amarrado ao arpóo. As terriveis descargas dadas por essa bateria devem ter por effeito paralyzar instantaneamente a baleia; de modo que a torne incapaz de movimento, e por consequente de resistencia. Em tal estado ella não pôde escapar, a sua captura não apresenta perigo, nem se corre o risco de perder as barcas de vista, ou de se afastarem muito do navio.

PARTE SCIENTIFICA E LITTERARIA.

Aerostação. -- Phenomeno optico nas regiões elevadas da athmosphera.

Lê-se em um dos numeros da *Illustração Francaza* :

A academia das sciencias, recebeu em uma das suas sessões a communição de uma nota muito curiosa de Mr. A. Launoy, sobre diversos phenomenos athmosphericos observados por elle em uma ascensão que fez. Eis essa nota que menciona entre factos inteiramente novos o da *miragem* nas regiões elevadas da athmosphera :

« Ha dous annos que comecei uma serie de ascensões com o fim especial de me dedicar ao estudo bastante interessante dos phenomenos athmosphericos, e factos que d'elles dependem, nos proprios lugares em que se manifestão.

Ainda não tinha tido a felicidade de poder fazer uma das minhas experiencias aerostaticas no outono, época em que o estado da athmosphera apresenta um campo mais vasto, e muito mais variado ás observações d'esta ordem, quando no principio d'este mez offereceo-se-me occasião de fazer uma ascensão importante no balão *Napoleão*, governado pelo areonauta o Sr. Luiz Deschamps, e de colher abundancia de factos muito curiosos que não tinham sido ainda conhecidos.

« Notei que na altura de perto de 1,300 metros, ponto medio da grande camada das nuvens, reinava ao redor de nós uma obscuridade sensivel e que o thermometro, que chegára a 6 grãos e 7 decimos tinha descido eutão abaixo de zero.

« A 1,600 metros achámos nova camada de ar, e pude então observar um facto curioso. A parte superior do balão estava mettida em

uma corrente de ar muito forte, que vinha de léste, em quanto a sua parte inferior achava-se ainda em uma corrente de oes-noroeste. Ficou mais de um segundo n'essa posição sob a pressão de duas correntes contrarias, pendendo claramente em dous sentidos oppostos.

« Entretanto continuámos a subir, e a 2.000 metros descobrimos o sol. Então um sublime espectáculo se offereceo aos nossos olhos.

« Erão 10 horas e 20 minutos; solemne silencio reinava na atmosphera; a superficie das nuvens estendia-se a nossos pés apresentando uma vasta curva no centro da qual estavamos collocados. Em seus pontos extremos elevavão-se grandes nuvens que excedião as outras e terminavão o horizonte. Olhando ao redor de nós, cheios de admiração, descobrimos, em distancia de perto de 1.200 metros, a imagem do nosso balão inteiramente reproduzida em uma das nuvens em que se reflectião os raios do sol.

« Levantámos-nos ambos ao mesmo tempo para abrir a valvula e despejar o gaz, afim de evitar os perigosos effeitos da dilatação instantanea do hydrogenio, occasionada pelo calor solar, e vimos na parte inferior da imagem reflectida do balão os nossos vultos levantarem-se tambem. Nada pôde pintar a sensação que experimentámos á vista d'esse phenomeno de optica, tão novo para nós e que durou perto de 6 segundos. O gaz dilatado fez-nos subir com uma velocidade enorme a uma altura de mais de 3.000 metros. D'esse ponto a vista éra magnifica; as nuvens estendião-se ao longe, semelhantes então a um mar de gelo sobre o qual brinçãõ os raios luminosos.

« A medida que subiamos, a superficie que nos mostravão as nuvens era cada vez meos convexa, até que mais tarde nos pareceo quasi plana. Notei que, em quanto o balão era arrastado na direcção de Oes-sudoeste as nuvens da camada superior obedecião a uma corrente contraria. Durante todo o tempo em que estivemos acima das nuvens o thermometer conservou-se em 12 grãos, depois tornou a descer e variou entre 4 e 9 grãos. No resto da nossa divagação só notamos phenomenos conhecidos. Todas as observações forão feitas com muito bons instrumentos de Lerebour e Secretan.

Resulta do que acabei de expor, que os factos mais interessantes, que observei durante esta experiencia aerostatica, são, independente dos phenomenos de optica e acustica, a varia-

ção frequente da temperatura da atmosphera n'essa época do anno, e o grande numero de correntes, que apesar da mudança mui frequente de sua direcção, obedecem a certas leis geracs e constantes. »

Depois d'essa comunicação a Academia nomeou, por proposta de Mr. Flourens um de seus secretarios perpetuos, uma commissão encarregada de lhe apresentar um relatório sobre a comunicação de Mr. Launoy. Essa commissão foi composta de Thénard, Dumas, e Faye.

Um capitulo esquecido nos Mysterios de Paris.

Em 1847, quando eu redigia a *Gazeta dos Hospitaes* (é o Dr. Felix Roubaud quem falla) obtive o conhecimento de um facto singular de que dei noticia da maneira seguinte:

« Conta-se que um de nossos romancistas, desejando estudar os costumes, a linguagem e o modo de viver das classes infimas da sociedade, hia muitas vezes a horas mortas, ás espeluncas da *Cité*, e ás tavernas immundas do mercado dos innocentes. Ahi, com uma gorra de lontra na cabeça, uma blusa sem côr e calças indefiniveis e em chinelos, podia ella, sem trahir a sua posição, sentar-se nos bancos de páo, despejar seu côpo, e fazer bem a vontade seus estudos e observações.

« Entrando uma noite n'um d'esses antros, notou elle no meio da sala e gravemente sentado diante de uma mesa, um homem pallido e magro, mas de olhar penetrante e intelligente: esse homem era um apanhador de trapos. Ao clarão de uma vela presa ao gargalo de uma garrafa, e posta á esquerda d'esse ser mysterioso, o escriptor viu successivamente approximarem-se da mesa, mulheres, meninos e homens, cujos vestidos esfarrapados e extravagantes denunciavão ao mesmo tempo a miseria e o offisio. A cada um d'elles o trapeiro fazia perguntas, apalpava o pulso, examinava a lingua, e, segundo a gravidade do mal, condemnava ao repouzo, ou prescrevia algum remedio, cuja receita escrevia em pedaços de papel que tirava do seu cesto.

« O romancista levado de extrema curiosidade e desejando satisfazel-a, aproximou-se-lhe tambem; depois de curto interrogatorio recebeu a prescripção seguinte: « Para te curares da tua molestia convém partilhares as nossas miserias, e tomares parte nas lutas sauguino-

lentas que algumas vezes se travão entre nós.
— Gu. . ., d.—m., P. (a). »

«Era extraordinario o encontro, e o homem de letras, cuja imaginação era ardente, entreviu de repente n'essa existencia assim metamorfoseada magnifico motivo para um romance; e julgou ter chegado á mina fecunda, em que Eugenio Sue havia colhido tanta fama. Esperou á porta do casebre, e quando, depois de acabar suas consultas, o Esculapio trapeiro appareceu com o cesto ao hombro e o croque na mão aproximou-se, e perguntou-lhe se o papel que acabava de representar era algum resto d'essas velhas e extravagantes franquezas, que se arrogavão antigamente os truões e velhacos da idade media.

«— Não, respondeo-lhe o trapeiro, eu sou exactamente doutor em medicina pela Faculdade de Paris; o meo diploma está registrado na prefeitura, e na secretaria do tribunal civil do Sena: satisfiz a todas as determinações da lei.

E deixando apparecer um sorriso nos labios, dice:

«— Sou talvez o medico de Paris que vê mais doentes.

«Porém como se receiasse deixar-se arrastar pelos encantos de alguma confidencia, afastou-se movendo em torno de si a sua lanterna, com cujo clarão descobriu um trapo, que fiquou com tal destresa, que causava dô não a empregasse em operações chirurgicas.»

Nunca mais desde a época em que escrevi estas linhas tornei a ouvir fallar no medico trapeiro; mas ha algum tempo recebi uma carta assignada por um nome que não pude ler, e acompanhada da formula — d.—m., P.: na qual me dizia o meu correspondente, que não ousando apresentar-se em minha casa, nem receber-me na sua, pedia-me, em attenção a nossa qualidade de collegas, que eu assentisse a uma entrevista, para a qual me designava uma tasca na barreira de Fontainebleau.

Lá fui.

O nosso encontro devia ter lugar em um d'esses cafés escusos, de que são povoadas as barreiras de Paris, e nos quaes o povo baixo, embriagado por um liquido sem nome, sonha todos os vicios e depravações.

A pesar da repugnancia que me causou essa casa, entrei resolutamente; e immediatamente o dono d'ella, sem duvida prevenido da minha visita, conduziu-me a uma sala nos

(a) Abreviação, pela qual os doutores em medicina designão a faculdade á que pertencem: d.—m. P.; d.—m. M.; d.—m. S. significão doutor em medicina por Paris, Montpellier ou Strasburgo.

fundos, onde vi encostado a uma mesa um homem, cuja cabeça encanecida pela idade, tinha alguma cousa de nobre, apesar dos andrajos, que o cobrião.

Sentindo a bulha dos meus passos, esse homem levantou-se, e, depois de me ter comprimado com tal civilidade, como eu não poderia presumir, ind cou-me um escabelle, em frente d'aquelle, de que se tinha levantado.

O taverneiro retirou-se e ficamos sós.

— Deveis agora, dice-me elle, comprehender e desculpar o motivo, porque não pude ir á vossa casa.

O espanto, que me causava essa aventura, dominava-me a ponto de não me occorrerem palavras para responder. O meu interlocutor continuou:

— Era impossivel virdes á minha casa.

E mostrando-me uma cesta encostada a um canto da casa:

— Os trapeiros, dice, não tem casa: quando a fadiga ou o somno obriga-os ao repouso, elles obtem por um soldo tascas que lhes fornecem um pouco de palha, durante algumas horas do dia ou da noite. Os aristocratas da profissão pagão d.us soldos e por uma cama.

E deixando passar pelos labios um riso sardonico:

— Os meos clientes não são tão ricos, que me possam dar para esse luxo.

Mas reassumindo logo seo ar grave:

— Tenho abusado já bastante do direito que me dá o titulo de vosso collega em medicina; vou já ao objecto da nossa entrevista.

Depois de curta pausa continuou:

— Na desgraça, que me conduziu ao estado em que me vedes, apenas tive um amigo. Sua lembrança é a unica alegria que o céo me conservou n'este mundo; ha quinze annos que o meo coração não tem conhecido outra mais doce, nem mais consoladora; e, á força de apreciar-a, sonhei com outra maior ainda, que só vós podeis ajudar-me a realisar. Dezejo antes de morrer, tornar a ver esse amigo, ainda que seja de longe. (Continúa.)

AOS SRS. ASSIGNANTES.

Aquelles dos Srs. assignantes, que não tiverem recebido algum dos dous primeiros numeros da Abelha, têmão a bondade de o mandar buscar ao escriptorio da redacção, na rua do Sabão n.º 43, ou de fazerem a sua reclamação ao entregador.